



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

NIOLADI

Como resiste a língua Kadiwéu?

ANA BEATRIZ LEAL REIS QUEIROZ

Campo Grande
NOVEMBRO /2023

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



NIOLADI

Como resiste a língua Kadiwéu?

ANA BEATRIZ LEAL REIS QUEIROZ

Relatório apresentado como requisito parcial
para aprovação na Componente Curricular
Não Disciplinar (CCND) Trabalho de
Conclusão de Curso (TCC) do Curso de
Jornalismo da Faculdade de Artes, Letras e
Comunicação (FAALC) Universidade Federal
de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Orientador(a): Prof. Dr/ Taís Marina Tellaroli Fenelon

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: “Nioladi: Como resiste a língua Kadiwéu?”

Acadêmica: Ana Beatriz Leal Reis Queiroz

Orientadora: Taís Marina Tellaroli Fenelon

Data: 26/11/2025

Banca examinadora:

1. Edson Silva
2. Vanda Pires

Avaliação: (X) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca recomenda a exibição do documentário nos canais universitários e divulgação externa.

Campo Grande, 26 de novembro de 2025.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Taís Marina Tellaroli Fenelon, Professora do Magistério Superior**, em 26/11/2025, às 21:28, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Coordenador(a) de Curso de Graduação**, em 27/11/2025, às 13:59, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6017879** e o código CRC **2E7BFFE5**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.015712/2025-27

SEI nº 6017879



AGRADECIMENTOS

Agradeço meus pais, Márcia Leal e Cézar Queiroz, por todos os valores, ensinamentos e, principalmente, pelo amor que me foi dado. Agradeço à toda minha família que sempre foi e sempre será a minha base. Tenho orgulho de seguir essa trajetória de tantas mulheres decididas, batalhadoras e empoderadas.

Ao Matheus, meu parceiro de vida, pelo companheirismo e apoio incondicional. Obrigada por sempre me incentivar e celebrar minhas conquistas.

À Raíssa, minha irmã de alma, que me acompanhou em todos os passos da graduação. Além de uma faculdade, uma década de amizade e tantos momentos colecionados, sei que ainda viveremos muito juntas.

Aos meus amigos Murilo, Pietra, Isadora e Julia, que estiveram comigo desde o primeiro dia de aula e tornaram tudo mais leve e divertido. Às minhas amigas Milena, Maria Gabriela e Lauren, que deixaram os últimos anos da graduação mais especiais. E à todos do curso de jornalismo e até de audiovisual que participaram dessa trajetória.

Às professoras Katarini, Tais e Laura. Não só por todo conhecimento compartilhado, mas também pelos momentos de carinho e acolhimento. A UFMS não seria a mesma sem vocês. Ao professor Edson e à professora Vanda, por me ensinarem tanto e possibilitarem a execução desse projeto.

Dedico esse trabalho ao jornalismo e à comunicação, por terem me levado a tantos lugares e pessoas. Pelas histórias que cruzaram meu caminho e mudaram o rumo. Por me mostrar a ter atenção, responsabilidade e coragem. Pelas experiências únicas e oportunidades inesquecíveis. Por me fazer entender o mundo além de mim.

Obrigada!

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



SUMÁRIO

Resumo	6
Introdução	7
1. Atividades desenvolvidas	10
1.1 Execução	10
1.2 Dificuldades encontradas	14
1.3 Objetivos alcançados	7
2. Suportes teóricos adotados	16
Considerações finais	23
Referências	24
Anexos	26
Apêndice	28



RESUMO:

O documentário audiovisual Nioladi, projeto experimental em Jornalismo, investiga os processos de resistência, ensino e transmissão da língua Kadiwéu na Reserva Indígena Kadiwéu, em Mato Grosso do Sul. A partir de entrevistas com professores, lideranças, estudantes e membros da comunidade, busca-se compreender como a língua se mantém viva e quais desafios e iniciativas sustentam sua continuidade entre as novas gerações. Este relatório descreve a metodologia empregada na execução do projeto, que consiste em registros audiovisuais de práticas escolares, contextos culturais e vivências cotidianas relacionadas ao uso da língua. O trabalho evidencia a relação entre língua, identidade e território, destacando o papel da educação indígena na preservação cultural. O documentário pretende contribuir para a valorização das línguas originárias e para o debate sobre políticas de fortalecimento linguístico no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE:

Jornalismo, documentário, língua indígena, Kadiwéu, resistência.



INTRODUÇÃO

O Brasil é um país multilíngue, onde são faladas centenas de línguas, sendo em sua maioria originárias dos povos indígenas. Os resultados do Censo Demográfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010¹, apontam que há 274 línguas indígenas faladas por indivíduos pertencentes a 305 etnias diferentes.

O mundo moderno, marcado por transformações políticas, sociais, culturais e ambientais, modificou em inúmeras maneiras a realidade de muitas comunidades dentro do território brasileiro, incluindo sua maior forma de comunicação: a língua.

Considerado pela Unesco como patrimônio imaterial da humanidade, as línguas do mundo necessitam ser registradas, não apenas pela riqueza cultural que carregam, mas também para que outras possibilidades de entendimento sobre questões universais linguísticos, linguística cognitiva, linguística histórica e antropologia não sejam perdidas. Metade das mais de seis mil línguas faladas hoje no mundo tende a desaparecer até final do século XXI. As línguas minoritárias, incluindo indígenas, precisam de uma atenção mais urgente, visto que a língua de um povo também representa sua cultura, carregando os valores, o modo de ser e de agir de uma sociedade. O processo de pesquisa e de provitalização das línguas indígenas contribuem para a manutenção dos idiomas, valorizando a história de cada povo, sua identidade e ajudando no processo de ensino e aprendizagem da língua materna nas escolas indígenas. (Souza, 2014, p. 105)

Essa compreensão da importância dos trabalhos voltados para o registro de línguas indígenas no Brasil ocorre pois, “em pouco mais de 500 anos de colonização, em torno de mil línguas indígenas brasileiras desapareceram, muitas sem qualquer tipo de registro” (Souza, 2012, p.106 *apud* Rodrigues, 1993, p.19).

Em Mato Grosso do Sul há a terceira maior população indígena do Brasil, com mais de 116 mil pessoas, conforme dados do Censo de 2022². Dentro dessa estatística está o povo Kadiwéu, contabilizando 1575 pessoas.

A língua do povo Kadiwéu tem grande destaque por ser polissintética, o que permite que uma palavra funcione como uma frase inteira, além da diferenciação na fala do homem e da mulher. O termo ioladi, do Kadiwéu, pode ser traduzido em português como o substantivo masculino língua, no sentido de fala. Nessa linha de raciocínio, nioladi é ‘idioma dele’, assim como gonioladi seria ‘nosso idioma’.³

¹ O último censo não atualiza essa informação, por isso foi usado o de 2010. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14262-asi-censo-2010-populacao-indigena-e-de-8969-mil-tem-305-etnias-e-fala-274-idiomas> / Acesso em: 7 de abril 2025

² Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/> / Acesso em: 9 de abril 2025

³ De acordo com o dicionário da língua Kadiwéu. Disponível em: <https://www.sil.org/system/files/rapdata/74/06/08/74060839706011162756896570533590209458/KDDict.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2025.



“Os Kadiwéu são descendentes dos Mbayá⁴, um dos povos do Gran Chaco⁵ que integram o grupo étnico e linguístico Guaikurú⁶. Os Kadiwéu estão localizados a leste do rio Paraguai, sul do Mato Grosso do Sul, no município de Porto Murtinho [...] A principal aldeia é a Alves de Barros, atualmente com 857 habitantes, sendo a mais populosa, pois é onde reside a liderança Kadiwéu” (Pires, 2022, p. 11).

A aldeia citada “possui 276 pessoas que são falantes da língua Kadiwéu (menos de um terço do total de moradores), em um total de 78 famílias” (Pires, 2022, p. 11). Mesmo com essa pouca adesão, ainda é a aldeia com maior número de falantes. A problemática exposta pela pesquisadora, tanto de modo empírico, pela sua vivência como Kadiwéu, como de maneira científica, apurada por sua pesquisa, mostra que o português é bastante predominante e é, em algumas aldeias, até mesmo a única língua.

O número de falantes em todas as outras aldeias não chega nem à metade do número de falantes desta aldeia. Os falantes de Kadiwéu usam a língua nas suas modalidades falada e escrita, sendo que a escrita é bastante usada no WhatsApp, mas não tanto em outras redes sociais. Há ainda pessoas que não usam a modalidade escrita por não estarem totalmente alfabetizados em Kadiwéu. [...] Estamos, portanto, diante de uma língua com grande perigo de enfraquecimento dado o número de pessoas que estão deixando de falar a língua nativa. (Pires, 2022, p. 11).

Nesse contexto, surge o questionamento a ser respondido neste trabalho: Quais são as formas de resistência da língua Kadiwéu ?

O interesse por essa temática surgiu durante o projeto Jornalismo e culturas de fronteiras - Expedição Bodoquena, em uma parceria da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul com a Universidade de Goiás. O propósito seria obter uma vivência cultural, enquanto os alunos colocavam em prática os conhecimentos jornalísticos para a comunidade Kadiwéu, na Escola Estadual Antonio Alves de Barros. Houve oficinas de fotografia e vídeo, com câmeras e no próprio celular, produção de texto jornalístico e até mesmo o exercício de uma rádio ao vivo. Durante esses dias de imersão, conhecimento e laços com a comunidade, profissionais da escola relataram a dificuldade de manter viva a língua Kadiwéu.

As motivações para então aprofundar os estudos e formular um projeto de pesquisa vieram da necessidade de visibilidade que o tema merece, além de ser resultado de uma ação imersiva, reflexo do jornalismo aprendido dentro da universidade.

⁴ Povo indígena da América do Sul

⁵ Região geográfica da América do Sul

⁶ Povos indígenas famosos por serem uma tribo guerreira que se utilizavam de cavalos para caçadas e ataques



Além de compreender essa realidade, é importante registrar e documentar esse processo, de modo a explorar a individualidade da língua. Ela, escrita ou oral, precisa ser preservada. Por isso, o formato escolhido retrataria de maneira ampla esse panorama, ao utilizar uma combinação de elementos visuais e sonoros, em um documentário audiovisual. Esse registro pode ser uma grande ferramenta para a preservação da oralidade, aspecto central das línguas indígenas, e auxiliar na memória e na identidade cultural.

O documentário audiovisual permite registrar falas, entonações, expressões faciais, cantos e modos de narrar que fazem parte da vivência linguística e cultural do povo, mostrando a língua em uso, com voz e corpo. Esse formato seria o mais potente, acessível e sensível para esse tipo de abordagem. Ele dialoga com a comunidade e leva a mensagem além dos muros da academia.

O objetivo geral do trabalho era narrar em um documentário audiovisual as formas de resistência da língua Kadiwéu no Mato Grosso do Sul. Já os objetivos específicos foram: Identificar as formas de preservação do idioma; Conhecer a vivência da população indígena em seu território, na área de Porto Murtinho - MS; Descrever as aulas do idioma na aldeia Alves de Barros; Analisar os desafios enfrentados na resistência da língua.

O documentário pode ser exibido em escolas indígenas, universidades, espaços culturais e plataformas digitais, funcionando tanto como arte quanto como material pedagógico, facilitando o acesso a um público mais amplo e diverso.



1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O trabalho apresentado pretendia seguir o cronograma inicial elaborado para a criação do pré projeto, que consistia na organização de tarefas durante o mês de julho até o mês de novembro. Essa estrutura consistia na elaboração prévia da estrutura do documentário, contato com as fontes e agendamento das entrevistas no mês de julho e agosto. Trabalho de campo (imersão e gravações), organização e decupagem do material em setembro. Produção do roteiro final, cortes e montagem das gravações e produção do relatório final em outubro. Defesa do produto em novembro.

O cronograma foi parcialmente seguido. A distribuição de atividades de julho e agosto foram completamente cumpridas. Já no mês de setembro foi feito o trabalho de campo e a organização do material coletado. Em outubro, foi feita a decupagem do material e produção do roteiro. Em novembro, foi finalizada a montagem do material e produção do relatório final.

1.1 Execução:

Mais detalhadamente, o processo de produção do trabalho se deu início por volta de abril de 2025. Com a elaboração do pré projeto, por se tratar de um trabalho em comunidade e especialmente, em uma aldeia, seriam necessárias permissões da liderança indígena, assim como uma organização prévia para toda a execução. Desde abril estava em contato com a professora e linguista Kadiwéu Vanda Pires, relação que se iniciou no projeto citado em 2023. O retorno à aldeia já estava previsto, mas ainda não organizado.

Em maio, durante o I Colóquio Nacional de Comunicação Compartilhada, na Universidade Federal de Goiás, apresentei um relato sobre a minha participação do projeto Expedição Bodoquena e integrei uma mesa de debate com a professora Vanda, onde apresentei minha proposta de Trabalho de Conclusão de Curso. Esse encontro possibilitou um novo contato direto com Vanda que, gentilmente, se prontificou a me ajudar na execução do projeto e abriu as portas da sua residência para a equipe que executaria o trabalho (ANEXO I).

A partir desse momento, dei sequência às outras pendências que poderiam dificultar ou impossibilitar o trabalho. Procurei a parte técnica de equipamentos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para compreender quais materiais haviam e poderiam ser emprestados. Além disso, busquei compreender quais seriam as autorizações necessárias para o ingresso na Terra Indígena e para a produção do documentário audiovisual.



A partir do mês de julho, entrei em contato com a FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) para seguir a burocracia de solicitar a entrada. Com isso, precisei encaminhar cópia do CPF (Cadastro de Pessoa Física), certidão de nascimento, certificado de vacina da covid-19, atestado médico não portador de moléstia contagiosa, carteira geral de vacinação, envio da carta feita pelo orientador (apresentando a instituição, a orientadora e a orientada), projeto de pesquisa (resumo), histórico escolar, declaração de matrícula, termo de compromisso de visita técnica, carta de intenções, termo de compromisso de uso de imagem e som, currículo do pesquisador, cópia do projeto e carta de anuência da comunidade indígena. Esse processo durou todo o mês de julho, das idas ao posto para vacinas, atestado e a busca por todos os documentos.

Enquanto isso, estava sempre em contato com a professora Vanda para conversar sobre a viagem para produção do TCC. Para conseguir todas as documentações, já estava em comunicação com a comunidade indígena Kadiwéu. Falei com Gilberto Pires, professor e pesquisador Kadiwéu; com Lourival Ferraz, filho do cacique da Aldeia Alves de Barros; e Etelvino de Aldeia, vice-cacique da aldeia, que assinou a Carta de anuência da liderança Indígena (ANEXO II). A anuência contempla: Acesso à Aldeia Alves de Barros para entrevistas, filmagens, registros sonoros e visuais, de acordo com as práticas culturais e protocolos comunitários; Permanência durante o período necessário para a realização das etapas previstas no projeto; Respeito às normas internas, tradições, costumes e orientações desta liderança.

Em agosto, esse trâmite foi colocado em prática, assim como a busca ativa pelos equipamentos. Inicialmente, pretendia que a viagem fosse nesse mesmo mês mas, pela burocracia e essa questão da FUNAI, foi adiada para o mês de setembro.

Foi produzido então um pré-roteiro para compreender quem seriam os entrevistados e quais seriam as imagens e sons que seriam captados (APÊNDICE I). Esse planejamento foi ideal para a construção do trabalho, para entender e descrever o que gostaria de extrair da cena. Para isso, foi realizada uma reunião de videoconferência pelo *google meet* com a professora do curso de audiovisual Daniela Siqueira, a fim de compreender melhor as imagens e sons separadamente, não somente como um complemento às entrevistas. Dessa mesma maneira, também tive auxílio da Livia, colega do curso de cinema da Universidade Federal de Mato Grosso. Essa conversa foi essencial para compreender os equipamentos a serem utilizados e para pensar no pré-roteiro.



A partir de então, foi o momento de organizar a questão logística: confirmar os equipamentos, organizar as malas com o que seria necessário levar e fazer as compras para alimentação da equipe. Durante esse período também estive em contato com o professor Edson Silva, conselheiro do projeto, que possibilitou a ida à Bodoquena e também mediou o contato com a prefeitura da cidade, que nos levou até à aldeia.

A viagem foi confirmada para o dia 11 de setembro até o dia 17 de setembro. Fomos eu, professor Edson e minha colega Raíssa Rojas, os quais agradeço imensamente pela ajuda e companheirismo.

Os equipamentos utilizados foram, em sua maioria, de empréstimo do curso de Jornalismo da UFMS. Foram eles:

- 1 câmera Canon T8i
- 2 tripés de câmera (compatível câmera)
- 1 gravador
- 1 microfone (compatível câmera)
- 1 vara de boom
- 1 cabo compatível
- Pilhas recarregáveis
- Fone de ouvido (compatível gravador)

Além deles, uma câmera gravadora Canon SL3 (com 3 lentes) foi alugada da egressa do curso de Audiovisual Gabriela Teodoro. O HD externo foi emprestado do meu irmão Arthur. Também levei extensões, adaptadores de tomada e cabos extras por precaução.

Saímos de Campo Grande à Bodoquena dia 12/09. Na região visitamos a área do rio Salobra, como o Refúgio Canaã e a Reserva do Patrimônio Particular Natural - Cara da Onça. Registramos imagens e sons da fauna e da flora local. Aguardamos então em Bodoquena o carro - e motorista - que a prefeitura do município nos concederam para ir até a aldeia. Na segunda-feira, 15/09, chegamos à Aldeia Alves de Barros no final da manhã. No percurso foram gravadas imagens da estrada, do mirante e da entrada da aldeia. Já na Escola Estadual Antônio Alves de Barros, se iniciou o contato pessoalmente com as fontes anteriormente selecionadas, como a professora Vanda, o coordenador da escola Laércio e o vice-cacique Etelvino. Começamos então as entrevistas.

Ficamos na aldeia por três dias. Foram realizadas ao todo dez entrevistas.

Na segunda-feira:

- Laércio Barbosa, coordenador da escola municipal indígena, 43 anos;



- Caroline Pires, técnica de enfermagem, 25 anos.

Na terça-feira:

- Guilherme da Silva, professor de Kadiwéu, 51 anos;
- Eliene Vergílio, auxiliar de professor;
- Sophia Vergílio, estudante, 9 anos;
- Vanda Pires, professora e linguista, 43 anos;
- Osmar Francisco, professor e pastor, 45 anos;

Na quarta-feira:

- Etelvino de Almeida, vice-cacique e professor, 50 anos;
- Eliana Matchua, professora de história, 38 anos;
- Antônia Vergílio, artesã, 72 anos;

O termo de autorização do uso de imagem e som foi assinado por todos os entrevistados (APÊNDICE II). O roteiro de perguntas elaborado anteriormente foi essencial para as entrevistas (APÊNDICE III).

Dentro da aldeia, nos estabelecemos na residência da professora Vanda e do professor Osmar. Acompanhamos o cotidiano da família, o que foi muito rico para o documentário. Nós nos locomovíamos a pé ou de carona e pudemos conhecer outras residências, locais e pessoas da comunidade. Foram três dias intensos e muito especiais (ANEXO III).

Ao retornar, passei todos os materiais para o meu notebook e o HD externo para não ter o perigo de perda de nenhum material. Ao todo, foram utilizados 256 *gigabytes* de armazenamento de dados.

Já com o material em mãos, foi feita a decupagem de todas as entrevistas com o auxílio da plataforma *pinpoint* do *google* (APÊNDICE IV). Após isso, se deu início ao processo de montagem do documentário. Todos os cortes, trechos e edições do projeto foram feitos no computador emprestado pelo meu namorado no *software* pago *Adobe Premiere Pro*, específico para edição de vídeos (FIGURA).

O roteiro foi elaborado juntamente com a montagem do filme, pois enquanto fazia separado, as ideias na prática não saíam tão bem executadas. O roteiro final foi satisfatório e contemplou todos os aspectos que eu buscava nos objetivos (APÊNDICE V).

Durante a edição consegui compreender os sons e imagens isolados para além das entrevistas. Busquei explorar esse conceito e trazer uma narrativa um pouco mais lenta e com profundidade emocional, sem utilizar da narração direta dos fatos.



Nesse processo também comecei a produção de uma identidade visual para o projeto. A tipografia mais natural e “espontânea” remete à escrita manual. O símbolo utilizado, similar à uma espiral, representa uma digital, para mostrar a identidade de um povo. A paleta de cores pensada foi inspirada nos tons utilizados nas artes e cerâmicas Kadiwéu. A proposta era criar uma marca que representasse a ideia do documentário (APÊNDICE VI).

Nesse processo o trabalho foi apresentado para a orientadora que prontamente apontou melhorias, correções e elogios. Já com os apontamentos corrigidos, o trabalho foi finalizado.

1.2 Dificuldades Encontradas

O trabalho em si foi um pouco complexo de ser executado pois envolvia logísticas como: locomoção, estadia, alimentação e equipamentos.

Entretanto, um dos principais fatores que acredito terem dificultado foi a autorização da FUNAI. Durante todo o mês de julho e agosto estive em contato com a Fundação e falei com diversos setores (APÊNDICE VII). Mesmo sendo bem atendida, os problemas pareciam nunca serem solucionados. Foram muitos *e-mails* e ligações. Por fim, a autorização da fundação nunca foi concedida.

Posteriormente, conversando com outros pesquisadores, entendi que essa autorização se dá para a fundação entrar em contato com a liderança indígena local. Como já havia feito esse contato e já tinha a carta de anuência do vice-cacique, não me preendi mais à essa burocracia. Foi uma situação desgastante que não teve resultados.

Quanto aos equipamentos, também houve uma situação conflitante. Ainda no primeiro semestre de 2025, procurei o técnico do curso de Jornalismo para saber sobre o que estaria disponível para empréstimo. Ele me afirmou que alguns novos equipamentos do curso de audiovisual chegariam e que poderiam ser utilizados. Já no segundo semestre, houveram várias mudanças nessas normas, o que causou outro transtorno. Também sobre os materiais foram emprestadas algumas pilhas recarregáveis do curso mas que não funcionaram durante a viagem.

Por fim, durante a execução do projeto uma situação me chamou a atenção para a maneira e os modos do fazer jornalístico. Uma das entrevistas deveria ser com um(a) idoso(a). O coordenador da escola, Laércio, me disse que encontraria alguém e combinaria. Agradei e, como combinado, fomos até o local. Tivemos um atraso e, por isso, chegamos com os equipamentos já montados. A senhora em questão não falava português, apenas na língua Kadiwéu. Como ela já era bem idosa, quem responderia por ela seria um dos filhos.



Entretanto, nós contávamos com a tradução simultânea da professora Vanda. Acredito que essa abordagem tenha afastado e desagradado a família, o que impossibilitou a nossa entrevista. No momento foi difícil lidar com a situação, mas acredito que aprendi uma lição importante sobre o jornalismo: a relação com fontes é muito mais delicada com crianças e idosos. Parece simples mas pode causar muitos transtornos. Penso que tratar esse tipo de exercício em sala facilitaria o trabalho na prática, como nesse caso.

1.3 Objetivos Alcançados

O objetivo geral proposto pelo pré-projeto do TCC era de narrar em um documentário audiovisual as formas de resistência da língua Kadiwéu em Mato Grosso do Sul. Ao vislumbrar o trabalho completo, sinto que consegui alcançar o que desejava. Como nenhum trabalho é perfeito, vejo pontos de mudanças e melhorias, como por exemplo na captação de som de algumas entrevistas, mas acredito que esse objetivo foi cumprido satisfatoriamente. O trabalho não só narra as formas de resistência como também conta histórias e transmite emoções.

Os objetivos específicos eram: Identificar as formas de preservação do idioma; Conhecer a vivência da população indígena em seu território, na área de Porto Murtinho - MS; Descrever as aulas do idioma na aldeia Alves de Barros; Analisar os desafios enfrentados na resistência da língua. O documentário, mesmo que em apenas 12 minutos, aborda satisfatoriamente esses requisitos. Analisando, gostaria de ter uma diversidade maior de fontes, que abordassem outros pontos da temática. Entretanto, também entendo que uma curta-metragem deve ser um recorte do tema, sendo assim, complexa de abordar vários pontos.

Ao concluir o trabalho sinto, além de satisfação, orgulho, por ter lutado para concretizar o que foi sonhado. Não por ser meu Trabalho de Conclusão de Curso, mas por poder mostrar, relatar e aprofundar algo tão importante como a língua Kadiwéu.



2- SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

2.1. Língua

Língua é um conjunto estruturado de signos utilizado para expressar e compreender ideias na comunicação entre seres humanos. Fundamentada em regras e convenções, ela é organizada em sons, gestos e sinais. De acordo com Seki (2020, p. 239) “cada uma [língua] constitui um sistema complexo, com um conjunto específico de sons, categorias e regras de estruturação, sendo perfeitamente adequada para cumprir as funções de comunicação, expressão e transmissão”.

Para a gramática normativa da Língua Portuguesa, a linguagem verbal é a forma de comunicação que utiliza palavras, seja na forma escrita ou falada, para transmitir mensagens. Já a linguagem não verbal, por outro lado, utiliza outros meios de comunicação, como gestos, expressões faciais, tom de voz e imagens (Bechara, 2009).

“A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento — toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação” (Bagnó, 2013, p. 142), sendo influenciada por fatores como o tempo, o espaço, as relações sociais e a evolução da sociedade.

As línguas podem ser classificadas de inúmeras maneiras, como na sua relação com o falante, na distribuição geográfica, função e manifestação. Entre esses critérios, há a língua materna. Para Spinassé (2008), a língua materna, ou primeira língua, é geralmente aquela adquirida inicialmente no ambiente familiar e comunitário, mas sua definição vai além da simples associação com a língua da mãe ou com a primeira aprendida. Em contextos bilíngues, por exemplo, a criança pode desenvolver mais de uma primeira língua, já que a língua falada em casa pode ser diferente da utilizada na comunidade, e ambas são igualmente significativas no processo de aquisição linguística.

2.2 Línguas Indígenas

No Brasil, há inúmeras línguas faladas por diferentes povos, entre elas, o português. Com o art. 13 da constituição de 1988⁷, a Língua Portuguesa foi estabelecida como o idioma oficial da República Federativa do Brasil, reconhecendo uma comunidade linguística.

⁷ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 9 de maio de 2025.



Conforme a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos⁸, da UNESCO, comunidade linguística é uma comunidade humana que se identifica através de uma língua comum como meio de comunicação e coesão cultural, estando historicamente radicada num determinado território. Clementino (2014) cita que o dicionário jurídico de Plácido e Silva⁹ aplica o termo ‘língua nacional’ para se referir ao idioma falado e escrito por um determinado povo, em contraste com as demais línguas, que são geralmente classificadas como línguas estrangeiras. Ele afirma que o autor utiliza os termos com base em uma perspectiva estatal, atrelada às fronteiras territoriais, sem considerar a multiplicidade de línguas que coexistem dentro de um mesmo país, e que muitos brasileiros fazem o mesmo.

Nessa condição, Clementino (2014, p. 2) afirma que “qualquer criança, no início de sua educação básica, é doutrinada no sentido de que o português é o idioma falado em todo o território nacional. É o idioma de todo brasileiro”. Essa imposição simbólica do português como única língua legítima contribui para o apagamento das demais línguas presentes no Brasil, especialmente as indígenas. Como resultado, muitos falantes brasileiros de outras línguas tem sua identidade cultural enfraquecida, e até mesmo marginalizada.

Segundo Ramos (2016), o ensino de línguas de outros povos pode ser benéfico na escola, desde que não resulte no abandono das línguas maternas. A perda dessas línguas acarreta prejuízos simbólicos, políticos e de conhecimento. A resistência linguística, nesse segmento, envolve políticas voltadas ao fortalecimento das línguas originárias, com ações planejadas que abrangem desde a aquisição e alfabetização até o letramento e o uso funcional da língua no cotidiano. “Existem vários povos bilíngues nos quais convivem a língua indígena e a portuguesa, mas em outros predomina o português como língua materna das crianças” (Rodrigues, 2013, p. 10)

É necessário compreender esse contexto de bilinguismo em relação às línguas indígenas dentro do processo de colonização do Brasil, que modificou completamente as relações socioculturais dos povos originários, incluindo a sua língua e religião, com a catequização¹⁰ dos povos originários.

Muitos materiais sobre as línguas indígenas em uso nas escolas das aldeias foram desenvolvidos por missionários, de acordo com a tradição da gramática normativa. [...] A gramática normativa afasta-se, portanto, do saber interior intuitivo do falante que, adestrado em regras que não reconhece como parte de sua competência natural, afasta-se do estudo das línguas, deixando de ampliar a sua capacidade de

⁸ Disponível em: https://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf

⁹ Dicionário que define termos e expressões utilizadas no âmbito do Direito.

¹⁰ Instruir ou doutrinizar em matéria social ou religiosa.



compreender e expressar a sua experiência do mundo, nos múltiplos aspectos que ela comporta (Maia, 2006, p. 71).

Esse contexto impõe, mesmo que indiretamente, que a criança troque seus hábitos linguísticos espontâneos por outros que a escola considera corretos¹¹, acentuando o apagamento da língua materna.

2.3 Os Kadiwéu

Os povos originários, ou povos indígenas, são comunidades que habitam um território há um período significativo, geralmente antes da colonização por outros grupos, e que possuem culturas e organizações sociais próprias. Entre os povos originários do Brasil, há os povos indígenas Kadiwéu.

Os Kadiwéu preservam em sua mitologia, nas expressões artísticas e nos rituais, aspectos de uma sociedade marcada por uma organização hierárquica entre senhores e cativos. Identificados como guerreiros, participaram da Guerra do Paraguai em defesa do Brasil (Pechincha, 1999).

O reconhecimento oficial da Terra Indígena Kadiwéu ocorreu por meio de uma ação do Governo do Estado de Mato Grosso e, em 1900, foi realizada a demarcação do território. Em 1903 foi emitido um decreto que definia os limites naturais de terreno, mas somente em 1981 é que a demarcação de suas terras foi concluída. A Terra Indígena Kadiwéu é localizada no Pantanal sul-mato-grossense, no oeste do Estado, perto da fronteira com o Paraguai (Pechincha, 1999).

Historicamente conhecidos como senhoras da arte e senhores da guerra, os indígenas Kadiwéu têm uma cultura bem definida e diferenciada entre os homens e as mulheres.

De acordo com registros de 1770 reunidos por Sánchez Labrador (1910), as crianças Kadiwéu do sexo masculino ficavam sob os cuidados da mãe até aproximadamente seus sete anos. Depois dessa idade os meninos mais velhos eram responsáveis por cuidar dos menores. Eles andavam nus, com enfeites na cabeça e o rosto pintado. Tocavam flauta e tambor nas festas, das quais só podiam participar após seus doze anos de idade. Existiam festas de exclusividade masculina, como a festa da corrida, a festa do nascimento do filho do cacique e a festa da caça [...] As meninas ficavam apenas sob a responsabilidade da mãe até serem introduzidas nos ritos pubertários. Quando, bebês eram cobertos com manias e ao crescerem usavam túnicas, rosto pintado e enfeites de cabeça, As mulheres e meninas eram responsáveis pelas pinturas corporais. Ambos, meninos e meninas, mantinham seus cabelos compridos até os cinco anos de idade. A partir dessa idade, seus cabelos eram cortados de maneira diferenciada (Souza, 2014, p. 106).

¹¹ De acordo com o Manual de Linguística disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/media/publicacoes/semesp/vol15vias04web.pdf>. Acesso em: 11 de maio.



Entre os diversos fatores que representam os Kadiwéu , a língua é uma característica cultural muito marcante desses povos indígenas. De acordo com Pires (2022, p. 16) o “Kadiwéu é a única língua registrada pelos pesquisadores como uma língua polissintética no Brasil”. Isso significa que, a formação das palavras combinam muitos morfemas (partes de palavra), o que permite expressar diferentes ideias em um único termo. “Nestas línguas, certas sequências de sons, assumidas por seus falantes como “palavra”, carregam significados traduzidos por “frases” em línguas como o português” (Pires, 2022, p. 13). Pires (2022) também afirma que, no Kadiwéu , a forma verbal segue uma hierarquia entre as pessoas para estabelecer a concordância.

Além disso, a língua Kadiwéu também apresenta diferença na fala dos homens e das mulheres.

As crianças, quando bem pequenas, costumam utilizar a fala da mulher, visto que ficam sob os cuidados da mãe. Os meninos com um pouco mais de idade, quando já conseguem compreender que existe diferença na fala de homens e mulheres, começam a cuidar mais de sua fala e são corrigidos pelos pais de modo a utilizarem a forma correta [...] Para as meninas o processo se torna um pouco mais simples, visto que são criadas pela mãe e não precisam “corrigir” sua fala quando maiores. Entretanto, necessitam compreender a fala masculina para que a comunicação se efetive (Souza, 2014, p. 109).

A distinção entre fala masculina e feminina no idioma Kadiwéu reflete traços culturais do grupo, não se relacionando com o gênero gramatical das palavras. As variações linguísticas observadas são determinadas pelo sexo do falante (Souza, 2014).

Os Kadiwéu , de acordo com Ribeiro (1980, p.7) “não se identificam como ‘brasileiros’ e sim como uma entidade étnica em si, distinta de todas as demais: como um povo oprimido pelo grande mundo dos brancos que os cerca e os hostiliza por todos os lados e de todas as formas”. Nesse viés, o bilinguismo dentro da língua Kadiwéu pode ser compreendido como algo não natural, mas forçado por meios das interações sociais com os falantes de português.

Apesar de grande parte da comunidade falar o idioma tradicional Kadiwéu , segundo relatos dos indígenas mais idosos e também na percepção durante a pesquisa de campo, as novas gerações não fazem uso do idioma. Alguns dos fatores explicativos são os casamentos com pessoas externas à RIK¹². Nas escolas instaladas nas aldeias, o ensino não é totalmente no idioma indígena, até mesmo porque o material didático é produzido em português. Nesse sentido, é preciso criar mecanismos de tradução do material didático e promover estímulos para as famílias disseminarem o idioma Kadiwéu (Jesus, 2012, p. 9).

¹² Reserva Indígena Kadiwéu



Esse contato contínuo com os não Kadiwéu , principalmente com falantes da língua portuguesa, modificou as interações entre esses povos. “Observei que muitos Kadiwéus têm trocado sua língua nativa pelo português e isso representa um grande perigo de enfraquecimento da língua Kadiwéu , que atualmente conta com pouco mais de duas centenas de falantes (Pires, 2022, p. 16).

2.4 Resistência das línguas

Pensando no possível enfraquecimento das línguas por diversos motivos, é importante compreender quais as maneiras de conservação dessas culturas. “A resistência linguística se faz com uma negativa consciente à imposição de línguas outras, às assimetrias sociais que impõem a língua do conquistador como a língua válida, bonita, sob a premissa de que somente ela daria conta da necessidade humana de comunicação” (Ramos, 2016, p. 14).

O questionamento é: como ocorre esse apagamento linguístico? Maia (2006, p. 65) afirma “A resposta é imediata: uma língua morre porque deixa de ser falada”. A manutenção e o fortalecimento de línguas exigem ações estruturadas e abrangentes, que permitam a criação e a execução de políticas públicas afirmativas voltadas à consolidação de práticas sociais que promovam, valorizem e ampliem o uso de línguas minoritárias, tanto entre seus falantes quanto no cenário mais amplo da sociedade dominante. (Maia, 2006). Isso evidencia a necessidade de políticas educacionais e culturais que reconheçam e promovam o multilinguismo como parte essencial da diversidade do país.

Apesar de não haver dados precisos sobre a quantidade de pessoas que compreendem o Kadiwéu mas já não o utilizam na fala, é possível perceber a crescente diminuição de falantes nativos. “Podemos reverter esse quadro com a capacitação dos professores nas aldeias, palestras nas escolas e incentivos aos nossos alunos para que entendam a importância de preservar sua língua” (Pires, 2022, p. 16).

2.5 Produto jornalístico

Ao escolher abordar como resiste a língua Kadiwéu , me surge a motivação e o interesse em produzir um documentário audiovisual dentro do Território Indígena Kadiwéu .

“Reportagens e documentários seriam a ‘realidade’, traduzida no recorte visual, no privilégio da informação e/ ou da transmissão/reflexão unidas em uma dimensão ética e, nos melhores exemplos, numa busca estética para expressá-las.” (Bezerra, 2014, p. 27).



Para Nichols (2005, p. 62) há seis modos principais de fazer cinema documentário: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. Os documentários voltados para temáticas sociais costumam se alinhar ao modo expositivo e os que exploram retratos pessoais tendem a dialogar melhor com os modos observativo ou participativo, refletindo debates atuais sobre identidade. Essas produções abordam temas coletivos a partir de uma ótica social ampla (Nichols, 2005).

O trabalho de campo é utilizado para a captação mas também não chega a atrapalhar o cotidiano da comunidade local. Essa estratégia pode ser chamada de observação participante que, segundo Fino (2003), é um tipo de investigação durante um período de interações sociais entre o investigador e os participantes, no seu contexto natural.

O documentário utiliza três principais tipos de imagens: as tomadas diretas, feitas especialmente para o filme e divididas entre eventos autônomos (espontâneos) e integrados (organizados); as imagens de arquivo, que incluem materiais audiovisuais preexistentes como reportagens e cinejornais; e os recursos gráficos, como animações e infográficos, usados para sintetizar e ilustrar informações de forma clara e visualmente atraente (Puccini, 2007).

O som é um elemento essencial na construção do estilo de um documentário, e pode ser tratado de cinco formas principais: o som direto, gravado simultaneamente com a imagem durante a filmagem, como em entrevistas e cenas em locação; o som de arquivo, proveniente de fontes anteriores como programas de rádio, filmes ou discursos; a voz over, uma narração gravada separadamente que é inserida sobre as imagens e não se origina da cena filmada; os efeitos sonoros, adicionados na edição para ambientar as cenas; e a trilha musical, que pode ser composta especialmente para o filme ou selecionada de materiais já existentes (Puccini, 2007).

Para além dos cuidados visuais e sonoros, é necessário compreender que o documentário jornalístico é centrado principalmente na entrevista jornalística. “A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos.” (Lage, 2001, p. 32). Quanto aos objetivos, as entrevistas podem ser classificadas como rituais, temáticas, testemunhais ou em profundidade. Já quanto às circunstâncias de realização, podem ser: ocasionais, de confronto, coletivas ou dialogais (Lage, 2001). Pensando nessa tipificação, o documentário jornalístico usa principalmente as entrevistas em profundidade, que tem como foco principal o próprio entrevistado, sua visão de mundo, ações e modo de ser, buscando construir, a partir de seus relatos, um retrato subjetivo em forma de



ensaio ou narrativa. Algumas entrevistas, como com o cacique da aldeia, serão dialogais pois serão marcadas com antecedência, com temas já combinados. As demais entrevistas serão, em sua maioria, ocasionais, ou seja, não combinadas previamente, com a população da reserva indígena.

[...] Entendimento da comunicação como um ato que interliga, une, comunga os diferentes sujeitos e pontos de vista existentes numa dada sociedade. Neste caminho conceitual, a entrevista deve ser percebida como lugar de interação social, de interpenetração informativa, um momento capaz de quebrar isolamentos grupais, individuais, sociais, podendo ainda colaborar para a pluralização de vozes e distribuição democrática da informação (Winch, 2018).

As entrevistas serão a base dessa produção e nortearão todo o trabalho. Por meio da escuta atenta aos falantes da língua Kadiwéu que se pretende revelar não apenas informações, mas vivências, memórias e percepções. A produção de um documentário audiovisual nessa temática oferece a possibilidade de mostrar histórias de um povo repleto de cultura, de maneira imersiva e sensível, para compreender e conter o enfraquecimento da língua Kadiwéu.

“Discutir fronteiras e definições surge como algo ultrapassado, pois reafirma a possibilidade de um saber que desloca, do centro da arena, o recorte analítico que gira em torno de variações sobre a fragmentação subjetiva (seja na análise, seja no discurso fílmico propriamente)” (Ramos, 2001). Esse questionamento impacta diretamente o jornalismo, especialmente no formato do documentário audiovisual, pois, ao invés de buscar uma verdade única e centralizada, o documentário jornalístico se desapega das ideias pré concebidas, e se baseia nas vozes e experiências dos sujeitos retratados.

Essa abordagem rompe com a narrativa tradicional centrada na objetividade absoluta e se alinha com práticas mais reflexivas e interpretativas, construindo uma narrativa a partir da escuta e da presença do outro. Assim, o jornalismo documental torna-se não apenas uma forma de informar, mas também de provocar reflexões sobre identidade, pertencimento e representação.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado neste relatório têm origem a partir de uma inquietação resultado de uma ação imersiva: o melhor do jornalismo. Estar em uma comunidade indígena Kadiwéu e vivenciar o cotidiano da aldeia foi um encontro que transformou a minha trajetória e definitivamente mudou a rota. Professores e residentes da aldeia Alves de Barros relataram o enfraquecimento da língua e o medo da perda do idioma. Nesse momento de escuta e aprendizado, conhecer além de tudo, as fragilidades dessa comunidade me mostraram que talvez o “poder transformador” do jornalismo aprendido em sala poderia de fato ser aplicado na prática.

A produção de um documentário audiovisual nessa temática oferece a possibilidade de mostrar histórias de um povo repleto de cultura, de maneira imersiva e sensível, para compreender e conter o enfraquecimento da língua Kadiwéu. A criação de materiais culturais e educativos, como produções audiovisuais, expandem o uso de outras línguas, não apenas entre seus falantes nativos, mas também dentro da sociedade em geral. O documentário pode ser exibido em escolas indígenas, universidades, espaços culturais e plataformas digitais, funcionando tanto como arte quanto como material pedagógico, facilitando o acesso a um público mais amplo e diverso.

Essa premissa seria uma tentativa de provocar, de alguma maneira, uma mudança positiva nesse cenário. Mesmo com a urgente e necessária temática, compreendo minhas limitações por não ser falante e, principalmente, como não indígena, ao abordar um tema que diz respeito à etnia Kadiwéu. Agradeço a oportunidade de poder entrar, conviver e registrar novamente no território Kadiwéu, dessa vez com um projeto próprio.

O trabalho, mesmo que com muito potencial para se aprimorar, trabalho o que foi proposto como deve ser, de maneira sensível e aberta ao novo. Sem amarras e conceitos pré concebidos. Apenas uma narrativa que deve ser contada.

Como o próprio nome diz, o trabalho “experimental” foi repleto de tentativas, erros, acertos e primeiras vezes. Mas que, com certeza, me marcou como estudante e me mudou como profissional. Me vejo mais preparada, curiosa e interessada pelo jornalismo. E torço cada dia mais por isso.



4. REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 55ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2009.

BEZERRA, Julio. **Documentário e jornalismo**: propostas para uma cartografia plural. 1. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

CLEMENTINO, Marco Bruno Miranda. Qual o idioma falado no Brasil? **Revista CEJ**, Brasília, v. 18, n. 63, p. 65–72, 2014. Disponível em: <https://bdjur.stj.jus.br/items/ece49c22-5b2e-46fc-9a40-46d1d1fab78c>. Acesso em: 5 de maio de 2025.

FINO, Carlos Nogueira. FAQs, etnografia e observação participante. **Revista europeia de etnografia da educação**, v. 3, p. 95-105, 2003. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Fino-Etnografia_observacao_participante.pdf. Acesso em: 10 de abril de 2025.

JESUS, Djanires Lageano de. **A (Re)tradicionalização dos territórios indígenas pelo turismo** : um estudo comparativo entre os Kadiwéu (Mato Grosso do Sul-BR) e Mãori (Ilha Norte - NZ). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Curitiba, PR. 2012. Disponível em: https://acervo.ufpr.br/index.php?codigo_sophia=299996. Acesso em: 22 de abril de 2025.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem>. Acesso em: 29 de junho de 2025.

MAIA, Marcus. A revitalização de línguas indígenas e seu desafio para a educação intercultural bilíngue. **Tellus**, ano 6, n. 11, p. 61-76, 2006. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/issue/view/10>. Acesso em: 5 de maio de 2025.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP. Papirus, 2005.

PECHINCHA, Mônica Thereza Soares. ISA - Instituto Socioambiental - Kadiwéu . **Povos Indígenas no Brasil**, 1999. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kadiw%C3%A9u#:~:text=A%20Terra%20Ind%C3%ADgena%20Kadiw%C3%A9u%20esteve,os%20mesmos%20atuais%20acima%20mencionad os](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kadiw%C3%A9u#:~:text=A%20Terra%20Ind%C3%ADgena%20Kadiw%C3%A9u%20esteve,os%20mesmos%20atuais%20acima%20mencionad os.). Acesso em 13 de maio de 2025.

PIRES, Vanda. **Palavras Kadiwéu do mundo ancestral e do mundo novo** : palavras novas, palavras antigas, palavras humildes e palavras honorificadas. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudo da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2022. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1243807>. Acesso em: 25 de março de 2025.



PUCCINI, Sérgio José Soares. **Documentário e roteiro de cinema** : da pré-produção a pós-produção. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Campinas, SP : [s.n.], 2007. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/423622>. Acesso em 10 de maio de 2025.

RAMOS, Antonio Dari. A resistência e a autoria como chaves de leitura para a educação escolar indígena diferenciada e descolonizadora. **Antropologia & Sociedade**, v. 1, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/antropologiaesociedade/article/view/257846>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

RAMOS, Fernão Pessoa. O que é documentário. In: RAMOS, Fernão Pessoa e CATANI, Afrânio (orgs.). **Estudos de Cinema** SOCINE 2000. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001, pp. 192/207.

RIBEIRO, Darcy. **Kadiwéu** : ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza. Petrópolis, RJ. Vozes, 1980a. 318 p.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. D. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 9, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45596>. Acesso em: 7 de abril de 2025.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas indígenas brasileiras**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>>. Acesso em: 25 de abril de 2025.

SEKI, Lucy. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. **Revista Impulso**. Piracicaba, SP: v. 27, p. 233-256, 2000. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/71173752/Linguas-Indigenas-Do-Brasil-no-Limiar-do-Seculo-XXI#>. Acesso em: 9 de abril de 2025.

SOUZA, Lillian Moreira Ayres de. A diferença de fala entre homens e mulheres Kadiwéu . In: GIOVANI José da Silva; KOK, Maria da Glória Porto. (Orgs.). **Kadiwéu : Senhoras da arte, Senhores da guerra**. 1 ed.Curitiba: CRV, v. 2, p. 105-128, 2014.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Contingentia**. Porto Alegre, RS, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/3837>. Acesso em: 25 de abril de 2025.

WINCH, Rafael Rangel. Contribuições teóricas de Cremilda Medina para pensar complexamente o jornalismo. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 89–105, 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/12277>. Acesso em: 30 de junho de 2025.



ANEXOS

ANEXO I - Colóquio Nacional de Comunicação Compartilhada (27 de maio de 2025)



Fonte: Magnífica Mundi/Rafael Noletto

ANEXO II - Carta de Anuência da liderança indígena Kadiwéu (assinado pelo vice-cacique)

CARTA DE ANUÊNCIA LIDERANÇA INDÍGENA KADIWÉU

Eu, ETELVINO DE ALMEIDA, CPF: 986.036.091-20, na qualidade de vice-cacique, liderança da Aldeia Alves de Barros localizada na Reserva Indígena Kadiwéu (município de Porto Murtinho – MS), venho por meio desta autorizar a entrada e permanência da estudante Ana Beatriz Leal Reis Queiroz, CPF: 045.359.821-80, para a realização do Projeto Experimental documentário audiovisual sobre a língua Kadiwéu, seu Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

A anuência contempla:

- Acesso à Aldeia Alves de Barros para entrevistas, filmagens, registros sonoros e visuais, de acordo com as práticas culturais e protocolos comunitários;
- Permanência durante o período necessário para a realização das etapas previstas no projeto;
- Respeito às normas internas, tradições, costumes e orientações desta liderança.

Reitero que a autorização é concedida exclusivamente para fins acadêmicos e culturais, sendo vedado qualquer uso comercial sem consulta e consentimento prévios desta liderança e da comunidade.

Aldeia Alves de Barros – Reserva Indígena Kadiwéu, 13 de agosto de 2025.

Etelvino de Almeida
Liderança da Aldeia Alves de Barros | Vice - cacique
Reserva Indígena Kadiwéu – Porto Murtinho/MS

Etelvino
Assinatura da Liderança

Fonte: Etelvino de Almeida



ANEXO III - Despedida da Aldeia Alves de Barros após produção do documentário Nioladi



Fonte: reprodução/arquivo pessoal



APÊNDICES

APÊNDICE I - Pré roteiro (imagens e sons)

IMAGENS	SONS
☐ Nascer do sol	☐ Sons da natureza (água, pássaros, vento)
☐ Idoso indo se sentar para entrevista	☐ Som da casa (rádio? pessoas?)
☐ Preparo de alimento (pode ser Vanda preparando o café da manhã antes de ir trabalhar)	☐ Água da torneira, faca na tábua, barulho de louças
☐ Professora caminhando até a escola	☐ Som ambiente do caminho (vento, pássaros, passos)
☐ Professor em sala de aula ensinando a língua	☐ Voz da professora explicando, cantando ou falando em Kadiwéu
☐ Crianças repetindo palavras ou frases	☐ Voz coletiva das crianças em coro
☐ Escrita da língua em quadro negro, cadernos, livros didáticos	☐ Som do giz no quadro, folhas sendo viradas
☐ Detalhes de mãos escrevendo ou desenhando	☐ Caneta ou lápis riscando o papel
☐ Retratos de anciãos falando em Kadiwéu	☐ Voz pausada, com sotaque e entonação própria
☐ Conversas informais nas casas ou pátios	☐ Murmúrio das conversas, risadas, pausas, silêncios significativos
☐ Rodas de conversa da comunidade	☐ Sons múltiplos sobrepostos, vozes se alternando
☐ Cenas de rituais e cantos	☐ Cânticos em Kadiwéu; instrumentos
☐ Paisagens da aldeia (casas, pátio, horizonte)	☐ Som ambiente: vento, pássaros, insetos, galos, bois
☐ Caminhadas pela aldeia	☐ Som de passos no chão, folhas
☐ Artesanato Kadiwéu (pintura, cerâmica, bordado)	☐ Som do pincel riscando, barulho do barro sendo moldado
☐ Jovens usando celular, digitando ou mandando áudios	☐ Toques de teclado, envio de áudio no WhatsApp, notificações
☐ Objetos simbólicos (livros didáticos, registros escritos em Kadiwéu)	☐ Voz em off da professora ou ancião lendo palavras ou frases

APÊNDICE II - Exemplo do termo de uso de imagem assinado por todos os entrevistados

TERMO DE COMPROMISSO DE USO DE IMAGEM E SOM
PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL NA TERRA INDÍGENA KADIWÉU
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - JORNALISMO UFMS

Pelo presente instrumento particular, eu, _____,
(nome completo), nacionalidade: _____, estado civil: _____,
profissão: _____, número do RG: _____, CPF: _____,
contato: _____ residente e domiciliado(a) _____,
AUTORIZO de forma livre e informada a registrar, utilizar e divulgar minha imagem, voz e declarações, captadas em entrevistas, eventos, atividades cotidianas ou demais interações realizadas na Terra Indígena Kadiwéu, durante o período de realização das filmagens.

Por estar de acordo com os termos acima, firmo o presente instrumento em duas vias de igual teor e forma, juntamente com uma testemunha, para que produza os efeitos legais.

Local: Terra Indígena Kadiwéu - Município de Porto Murtinho/MS

Data: ____/____/2025

Assinatura do(a) autorizado(a): _____

Assinatura da produção responsável: _____

DECLARO ESTAR CIENTE DE QUE:

- As imagens e sons poderão ser utilizados em produtos audiovisuais, como o documentário produzido para conclusão de curso em Jornalismo. Ele poderá ser veiculado em mídias físicas ou digitais, como televisão, plataformas de streaming, redes sociais, sites institucionais, festivais de cinema e eventos públicos.
- Esta autorização não tem fins comerciais e sim fins educacionais, culturais e informativos, com o objetivo de valorizar a cultura, a memória, os saberes e os modos de vida do povo Kadiwéu.
- Minha participação será voluntária, sem que haja qualquer tipo de remuneração, e sem prejuízo de qualquer direito coletivo que possa ser pleiteado pela comunidade ou lideranças representativas.
- Esta autorização é irrevogável e irretirável, salvo se houver violação de direitos, distorção de conteúdo ou uso indevido da imagem que despreze os valores, tradições e princípios da comunidade Kadiwéu.
- A produção se compromete a compartilhar previamente o conteúdo com a comunidade antes da divulgação pública, respeitando as normas de consulta e consentimento livre, prévio e informado estabelecidos pela legislação brasileira aplicável aos povos indígenas.
- A presente autorização não exclui a necessidade de autorização coletiva das lideranças e instâncias representativas da Terra Indígena Kadiwéu para o ingresso, permanência e captação de imagens no território.



APÊNDICE III - Exemplo do roteiro de perguntas para os entrevistados

Professora e linguista Kadiwéu

- Como você descreve a importância da língua Kadiwéu dentro da comunidade?
- Quais estratégias têm sido utilizadas para ensinar a língua às novas gerações?
- Quais são os maiores desafios enfrentados no ensino do Kadiwéu atualmente?
- Você percebe mudanças na relação dos jovens com a língua ao longo dos últimos anos?
- Como é o processo de elaboração de materiais didáticos e de registro da língua?
- O que significa, para você, ensinar e pesquisar o Kadiwéu como professora e linguista?
- De que forma a língua Kadiwéu dialoga com a cultura, as tradições e a história do povo?
- Como o ensino da língua pode contribuir para o fortalecimento da identidade cultural e da autonomia indígena?
- Você acredita que o ensino formal dentro da escola é suficiente para manter a língua viva? Que outros espaços e práticas são fundamentais?
- Que mensagem você deixaria para futuras gerações sobre a importância de aprender, ensinar e valorizar o Kadiwéu?

Coordenação da escola

- De que forma a escola tem trabalhado para incluir a língua Kadiwéu em suas atividades pedagógicas?
- Quais recursos ou materiais vocês utilizam para esse ensino?
- Como é o envolvimento das famílias e da comunidade nesse processo?
- Quais são as principais dificuldades enfrentadas para manter a língua viva dentro da escola?
- Que expectativas vocês têm em relação ao futuro da língua Kadiwéu?

Aluno(a) que está aprendendo Kadiwéu

- O que você sente ao aprender a língua Kadiwéu?
- Como foi o seu primeiro contato com a língua dentro da escola?
- Você já consegue usar a língua no dia a dia com colegas ou familiares?
- Qual palavra ou expressão em Kadiwéu você mais gosta? Por quê?
- O que significa, para você, aprender a língua dos seus antepassados?

Mãe ou pai de aluno que está aprendendo Kadiwéu

- Como você vê a importância do aprendizado da língua para seu filho(a)?
- Em casa, vocês usam a língua Kadiwéu?
- Você aprendeu a língua quando criança? Como foi essa experiência?
- Quais mudanças você percebe no seu filho(a) desde que começou a aprender o idioma?
- O que você espera para o futuro da língua Kadiwéu?

Cacique da aldeia

- Qual é o papel da língua Kadiwéu para a unidade e a identidade do povo?
- Como a comunidade tem buscado fortalecer e preservar a língua?
- Quais são os maiores desafios que o povo enfrenta nessa luta?
- Qual a importância da escola e das novas gerações nesse processo?
- O que significa, para o senhor(a), ver os jovens aprendendo e usando a língua hoje?

APÊNDICE IV - Exemplo da decupagem das entrevistas

← Antônia Kadiwéu TCC Salvo pela última vez por ANA BEATRIZ LEAL REIS QUEIROZ em 23 de out. às 05:47

[Editar](#) [Enviar feedback](#)

Transcrição

Áudio transcrito com o idioma falado definido como: [Auto detect](#)

00:00
Os artesanatos, mas que não tem mais os materiais por aqui que ela fazia. Ela faz também rede com é... ela faz aqueles... não lembro o nome, que coloca no cavalo, algumas coisas. Sela? Sela Também ela faz mas no momento ela não está fazendo essas coisas Só tá com a cesta e a serança não faz porque não tem o material.

00:27
Você pode segurar esse microfone esse celular como gravador? Deixa eu só bloquear. Porque tá ventando bastante. Tá bom. Então, é, eu queria saber se se ela sempre teve contato com a língua que Kadiwéu, se ela se considera uma falante e se ela entende português. (FALA EM KADIWÉU)

00:55
(FALA EM KADIWÉU) Ela fala que sempre foi falante, ela não fala o português porque o pai dela criou assim, não deixava ela se aproximar dos não indígenas.

01:11
Então o pai dela não deixava, então ela só tinha contato com o pai dela, que o pai dela que traduzia as palavras que ela precisava de se comunicar com o não-indio, se precisasse na época. Então ela nunca falou português, somente na língua Kadiwéu. E quando que ela teve contato com o português?

01:43

1.0x 00:00 11:47



APÊNDICE V - Roteiro final

ROTEIRO

- Filme começa com créditos (logos: curso de jornalismo, UFMS, RPPN Cara da Onça e Prefeitura de Bodoquena)
- Entrevistados falando Nioladi
- **ABERTURA DO FILME**
- Professora Vanda apresentando quem são os Kadiwéu
"Os Kadiwéu são autodenominados Ejiwajegi, são um povo da língua Guaicuru"...
(imagens povo kadiwéu)
"são conhecidos como os temidos Cavaleiros Guaicuru, um povo guerreiro"
(imagens homens a cavalo)
"A língua é uma identidade de um povo." *(imagens bocas falando e aluno escrevendo no papel)*
"E a língua Kadiwéu, ela já se encontra em uma das línguas ameaçadas de extinção." *(imagem do quadro - aula Kadiwéu)*
- Vídeo da estrada, som e imagem da natureza
- Professora Vanda explicando como chegar até a aldeia Alves de Barros *(imagens acompanhando o caminho que ela descreve)*
- Aparece prof. Vanda pela primeira vez (imagem). Ela fala da família, marido e filhos. (28:00 até 29:25...) *(imagens do café da tarde e família junta)*
- *Café da manhã e reza do Osmar em Kadiwéu*
- **ensino na escola**
- Vídeo chegando até a escola *(som original)*
- Imagens gerais da escola e crianças na escola
- Professor Laércio fala do uso da língua Kadiwéu
"A gente já vive nessa sociedade brasileira qual a gente precisa ir para cidade..." (5:50...)"
- Professor Guilherme fala da língua
"ensinar os pequenos, que os grandes já não dá mais..." (5:44)
- Prof. Laércio
"Aqui temos 108 alunos. Desde a educação infantil ao nono ano. E a língua materna faz parte do nosso currículo."
- Sophia falando que aprende na aula
- Falar do material didático
- *imagens escola - crianças brincando na quadra*
- **a língua**
- Vanda fala sobre a língua Kadiwéu (1:23 - "os estudos linguísticos..." - 1:35 | 1:45 "o que é polissintética..." 2:06)
- Explica diferença da fala do homem e da mulher
- Eliene
("ai nessa parte eu eu tenho dificuldade de falar na língua da mulher, sabe? Eu sou mais, porque eu cresci com os meninos, sabe?")
- **em casa e na família**
- Vice-cacique Etelvino
"a gente aprende primeiro a língua materna... depois português..."
- Dona Antônia
"sempre foi falante, ela não fala o português porque o pai dela criou assim"
- Prof. Eliana
"eu não sou falante Kadiwéu, porque a minha mãe não era falante, não é falante, mas meu pai é falante... minha mãe é terena." (1:20)
- Carol:
"Nós da geração Z, né, dos anos 2000, que o pessoal não fala mais o idioma"
- Eliene
"Lá em casa a gente fala só Kadiwéu. Eu quero que meus filhos cresçam falando. Se a gente parar, a cultura morre."
- Professora Eliana
"O meu filho ele tem vontade de falar, mas como ele já cresceu e não não aprendeu a falar, ele não consegue, mas ele tem muita vontade..." (2:30)
- Dona Antônia
"ela disse que é uma coisa histórica porque Deus colocou a nossa língua para um povo. Então, assim, a gente passa por gerações"
- *imagens artesanato (efeitos sonoros do vídeo + sobe som entrevista carol)*
- **no trabalho**
- Carol
"Trabalhando na saúde, eu vejo a importância da língua. Tem paciente que não entende português."
- **desafios e mudanças**
- Etelvino
"O maior desafio é a internet. Antes, à noite, a gente sentava, tomava chimarrão e ouvia histórias. Hoje, cada um tá no celular."
- Prof. Vanda
"As redes sociais fazem os jovens esquecerem a língua. É como se ela não tivesse mais valor. Mas ela é nossa identidade."
- *sobe som Osmar - música Kadiwéu*
- Pastor Osmar
"O idioma é um presente de Deus. Ele é nossa identidade, não pode sumir."
- *osmar tocando violão e cantando em Kadiwéu*
- Prof. Vanda
"Permaneça com a sua língua. Quem mantém a língua, mantém a história."
- **ENCERRAMENTO DO FILME**
- Professora Vanda explicando o que é Nioladi "Você poderia dizer assim: língua deles. Nioladi" (13:00)
- *imagem dicionário - nioladi*



APÊNDICE VI - Identidade Visual criada para o projeto



APÊNDICE VII - Contato via *email* com a FUNAI

